



RISCO POLÍTICO

Especialistas dizem que a grande dúvida do mercado no momento é saber como será a política econômica de um eventual governo petista. João Sayad está cotado para comandar o BC se Lula vencer

OS EFEITOS DA DISPARADA DO DÓLAR

COMBUSTÍVEIS

A cotação do dólar é um dos itens que definem o preço da gasolina no país. Quando o valor do dólar sobe, o preço da gasolina aumenta.

PÃO

Cerca de 80% do trigo usado nos pães brasileiros vem de fora. Por isso, quando a cotação do dólar aumenta, os preços da farinha de trigo e do pão sobem. A farinha de trigo também é essencial em massas, como o popular macarrão, e biscoitos.

LUZ

A tarifa da energia de Itaipu, empresa binacional (Brasil e Paraguai), é cotada em dólar. Essa é a principal usina fornecedora de energia para o país. Por isso há efeitos sobre a conta de luz. No Distrito Federal, até 30% da energia consumida vem de Itaipu.

INFLAÇÃO

Os preços da gasolina, do pão e da luz jogam os índices de inflação para cima.

JUROS

Quando o dólar sobe, o governo tende a elevar ou manter os juros altos por vários motivos. Um deles é conter a alta da inflação.

DÍVIDA PÚBLICA

Ao pagar juros altos para conseguir dinheiro no mercado, o governo gasta mais com o pagamento de suas dívidas, algo que pode reduzir os investimentos em áreas como saúde e educação.

CRISE

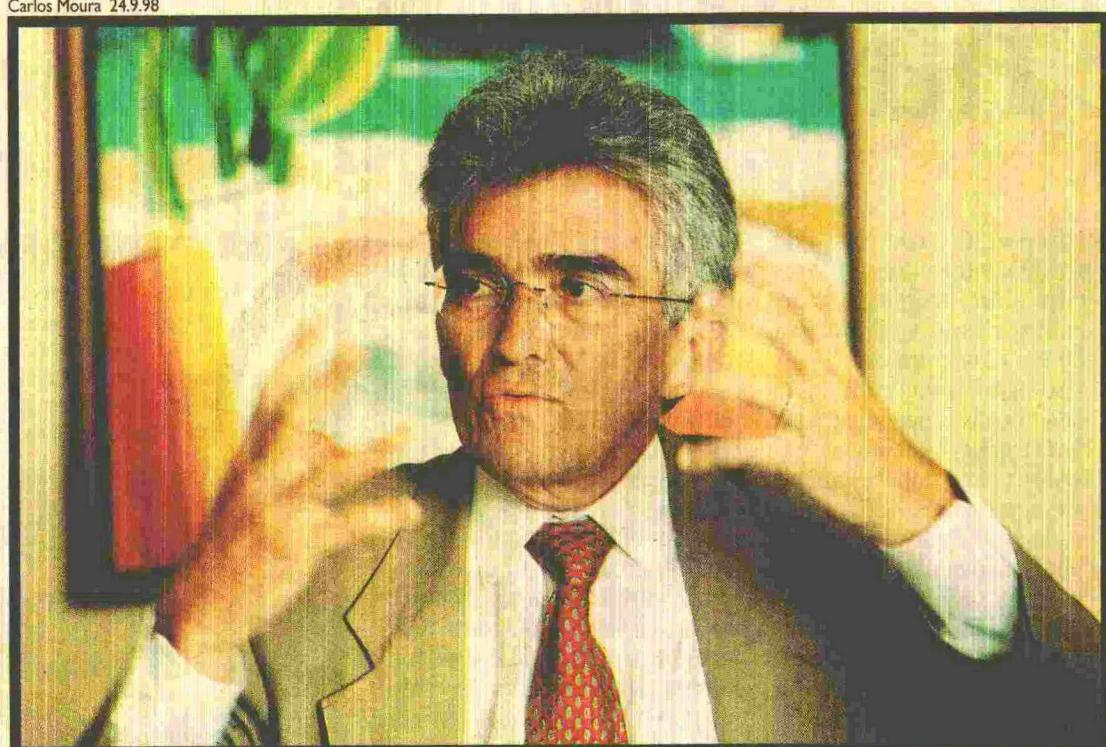
Os juros altos reduzem o consumo, porque as prestações ficam mais caras. Baixam os investimentos das empresas, porque os empréstimos custam mais e as pessoas compram menos. O resultado é uma crise econômica. O país produz menos e o desemprego aumenta.

Investidores desconfiados

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

33

Carlos Moura 24.9.98



VELLOSO: "ACABOU O NAMORO COM FERNANDO HENRIQUE. O MERCADO JÁ ESTÁ ANTECIPANDO UM GOVERNO PT"

O Banco Central perdeu a guerra com o mercado financeiro. A partir de agora, o que resta ao presidente da instituição, Armínio Fraga, é tentar reduzir ao máximo as turbulências que tomaram conta do país nos últimos dias. O único instrumento que ele tem para isso é vender títulos de curto prazo para o refinanciamento da dívida pública. A razão é uma só: o mercado já não leva mais em conta o que fará, até o final do ano, o governo de Fernando Henrique Cardoso. Os investidores nacionais e estrangeiros querem saber, agora, como será uma eventual administração do presidenciável do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, a quem, segundo as atuais pesquisas de intenção de voto, caberá gerir uma explosiva dívida pública.

Esse é o raciocínio predominante entre especialistas das mais diversas tendências. O cenário foi repassado ao governo por intermédio do diretor de Política Econômica do BC, Ilan Goldfajn. Dois dos maiores especialistas em contas públicas e política monetária do país, Raul Velloso e Carlos Thadeu de Freitas Gomes, disseram ao Correio que esse é o sentimento do mercado financeiro. "O Banco Central cometeu, sim, erros na condução da política monetária. Mas o nervosismo que contamina o mercado decorre, essencialmente, do risco político, que surgiu com toda força", crê Velloso. "Os investidores perderam a confiança na manutenção da atual política econômica. Acabou o namoro com Fernando Henrique. Isso é extremamente precipitado. O mercado já está antecipando um governo PT. É como dizer que o país está, agora, nas mãos de uma pessoa que não sabemos sequer se será eleita, Lula", afirmou.

JOÃO SAYAD

A ânsia dos investidores em saber quem serão os comandantes da equipe econômica de Lula ficou claro em uma teleconferência promovida, na última segunda-feira, pela Salomon Smith Barney, controlada pelo Citibank, com Guido Mantega, assessor econômico do presidenciável petista. Perguntado sobre quem seria o presidente do BC em um eventual governo Lula, Mantega foi claro: seria João Sayad, atual secretário de Finanças da Prefeitura de São Paulo. Sayad foi ministro do Planejamento do governo Sarney. Indagado ontem sobre essa possível nomeação, Lula negou que já tivesse escalado o primeiro escalão de seu eventual governo. "Primeiro vamos ganhar as eleições. Depois, indicar as pessoas", disse. Segundo Freitas Gomes, que

já foi diretor da Dívida Pública do BC, além dos riscos políticos, os investidores também se deram conta de que o modelo do ajuste fiscal promovido pela equipe do ministro Malan se esgotou. Os superávits fiscais acumulados desde 1999, depois do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), foram alcançados somente com o aumento das receitas. Não se preocupou em atacar as despesas. "O pior é que muitas das receitas foram extraordinárias ou provisórias", enfatizou. Assim, interpretam os investidores, se um governo como o de FHC, que se mostrou comprometido com o equilíbrio das contas públicas, não se empenhou o suficiente para aprovar reformas estruturais para um ajuste fiscal sério, não será um governo PT que o fará. "Pelo menos não se tem certeza disso", destacou.

TASSO APOSTA EM LULA

O ex-governador do Ceará Tasso Jereissati previu a vitória do candidato do PT a presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante recepção na embaixada da Itália na noite de terça-feira. "Chegou o momento histórico em que o Brasil quer experimentar a esquerda", disse Tasso ao ministro do Comércio Exterior da Itália, Adolfo Urso. Segundo Tass, a vitória da oposição será possível graças a dez anos de crescimento econômico "ridículo". A conversa foi presenciada por um repórter do jornal Valor. "Que nós podemos ganhar, é verdade. Que a economia não cresceu, também. Se ele (Jereissati) disse que eu vou ganhar, eu acredito". disse Lula.